

Naufrágio reconstituído

» LUIZ CALCAGNO
» SAULO ARAÚJO

Cadu Gomes/CB/D.A Press



Os peritos utilizaram ontem um scanner laser, aparelho que fez uma fotografia tridimensional da embarcação retirada do fundo do lago



A Polícia Civil e a Marinha periciam a lancha de wakeboard Front Roll, que naufragou no último sábado com 11 pessoas, matando duas irmãs no Lago Paranoá. O barco está no Batalhão de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros, na Vila Planalto, e ontem passou por uma análise minuciosa. Toda a estrutura do barco foi vistoriada, inclusive o motor e os lastros (compartimentos usados para dar estabilidade à lancha), que, segundo um dos peritos, estavam cheios quando a embarcação foi retirada do lago. Os peritos vão investigar se o equipamento encheu após o acidente ou se já partiu assim da QL 15 do Lago Norte.

Caso fique provado que os lastros já estavam cheios, a situação do condutor da lancha, o técnico em informática José da Rocha Costa Júnior, 33 anos, pode se complicar. Um dos argumentos de defesa dele é que não havia água nos compartimentos, o que deixaria o barco com capacidade para mais de seis pessoas. Os peritos realizarão vários testes no equipamento, além de tirar novas fotos da embarcação. O laudo pericial, que não tem data para ficar pronto, deve determinar se a tragédia foi responsabilidade do condutor ou se ocorreu por problemas técnicos.

O **Correio** conversou com João Carlos Beu, dono da Esquimar, a empresa fabricante da embarcação. Segundo ele, é possível que os lastros tenham inundado após o naufrágio. "Naquela profundidade (25m) e com o tempo que a embarcação permaneceu submersa, é possível que os lastros tenham enchidos mesmo tapados", afirmou. O empresário também criticou o fato de a embarcação estar trafegando à noite. "É uma embarcação para passeio diurno, até porque não tem cobertura. De fato, foi uma irresponsabilidade muito grande", disse.

Ao todo, três equipes da Polícia Civil e da Marinha trabalham na perícia da lancha. Na manhã de ontem, seis peritos usaram um scanner laser, equipamento de última geração que fez uma fotografia tridimensional da lancha (ver quadro). A partir de agora, será possível fazer uma reconstituição virtual da tragédia

Visão ampliada

O modelo tridimensional equivale a uma foto precisa da lancha, com um tamanho de 600 megapixels. O pixel é o menor elemento de uma fotografia digital. Nesse caso, a imagem da lancha contará com 600 milhões de pixels, ou seja, os peritos terão uma imagem de alta resolução.

ocorrida na madrugada de sábado no Lago Paranoá. A primeira etapa do trabalho durou cerca de 4h. O diretor do Instituto de Criminalística da Polícia Civil, Celso Nenevê, explica que a réplica será usada em programas de computador para realizar simulações que indiquem o que pode ter ocorrido durante o naufrágio. "Nós vamos construir o cenário, já que é impossível, dentro da água, você reproduzir um acidente", explicou.

Arrais

À tarde, outros seis peritos da Polícia Civil, entre eles três engenheiros mecânicos e um civil, e um vistoriador naval da Marinha, da Diretoria de Portos e Costas do Rio de Janeiro, fizeram vários testes na hélice da lancha. Eles checaram o motor e a parte elétrica a embarcação. A Polícia Civil é responsável pela parte criminal das investigações, enquanto a Marinha vai abrir um processo administrativo contra o técnico em informática. De acordo com o delegado fluvial de Brasília, o capitão Rogério Leite, ele pode perder o Arrais (habilitação náutica para pilotos amadores) pelo período de um ano.

A fiscalização no Lago Para-

noá vai ser intensificada a partir de hoje. Representantes da Marinha, a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros se reuniram ontem para discutir estratégias para trabalharem em conjunto. Ficou acertado que a equipe da Marinha vai ter quatro integrantes e duas embarcações (hoje são três e uma, respectivamente). "Os bombeiros vão salvaguardar vidas, a PM vai cuidar da segurança, de armas, de drogas, e a Marinha fica com a fiscalização náutica, mas uma corporação aciona a outra em caso de necessidade", disse o delegado fluvial.

Estima-se que cerca de mil barcos e lanchas utilizem o lago nos fins de semana e feriados. A Marinha tem 28 mil embarcações de esporte e recreio registradas. A Delegacia Fluvial conta com três bafômetros para realizar as operações. Segundo Leite, a partir de hoje, haverá tolerância zero no lago. A operação será a primeira com as três corporações integradas. "Também vamos integrar os atendimentos nos números de emergência 190, da PM, e 185, que é da Marinha. O objetivo é fiscalizar a totalidade das embarcações do DF", ressaltou o delegado fluvial.

Depoimentos esperados

O chefe da 9ª Delegacia de Polícia (Lago Norte), Silvério Moita, deve ouvir hoje a cabeleireira Rita Queiroz de Lira, 26 anos, irmã de Juliana e Liliane, que morreram no naufrágio. Ela é a única sobrevivente que ainda não prestou depoimento. Sua oitiva foi desmarcada duas vezes, devido ao seu estado emocional. Em conversas com jornalistas e amigos, Rita adiantou que o piloto da embarcação, o técnico em informática José da Rocha Costa Júnior, fazia manobras arriscadas e que todos estavam bebendo e dançando na hora do acidente.

Júnior também deve ir na manhã de hoje à delegacia para prestar esclarecimentos sobre o acidente, dessa vez na condição de acusado, por provocar a morte das jovens. Como o **Correio** adiantou ontem, ele foi indiciado por homicídio culposo (quando não há intenção de matar). Se condenado, pode pegar até três anos de prisão. Nesta quarta-feira, ele voltou a conversar com a reportagem e disse que está sofrendo muito com toda a situação. Júnior mora em Arniqueiras, setor residencial próximo a Águas Claras.

Negligência

Sobre a perícia feita na embarcação pelo Instituto de Criminalística (IC) da Polícia Civil, o delegado diz que a análise irá corroborar a tese de que Júnior agiu com negligência, ao colocar 11 pessoas numa lancha projetada para seis. Segundo depoimentos dos sobreviventes, ninguém usava colete salva-vidas. As duas jovens que morreram não sabiam nadar. "Não vou mudar o indiciamento, mas qualquer elemento que sirva para deixar o inquérito mais consistente é de extrema relevância", destacou Silvério Moita. (SA)

Saiba mais

» A perícia contou com um scanner laser de última geração. A tecnologia permite a reprodução de um modelo virtual da embarcação, equivalente a uma foto em três dimensões.

» Os peritos marcaram vários pontos na lancha e ao redor do barco. As marcações servirão para que, no computador, por meio de programas como o 3D Max, eles possam selecionar apenas o barco da tragédia. A precisão da imagem é de centésimos de milímetros.

» Com o modelo virtual, a polícia deve realizar diversas simulações de aceleração e frenagem e reconstituir o naufrágio. Dados e imagens recolhidos na perícia realizada no barco ainda submerso, na última segunda-feira, também serão utilizados na simulação.

» Informações como o peso e a forma com que as 11 pessoas estavam dispostas na embarcação, colhidos nos depoimentos da 9ª Delegacia de Polícia (Lago Norte), também devem ajudar na reconstituição.

» Leia mais sobre o acidente no lago na página 34